

Noticias de Barcelos

Director e Proprietario—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração

LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão

TIPOGRAFIA MARINHO

Telefone 123—BARCELOS

PORTUGAL está sendo olhado, em todo o Mundo, como um dos países mais sensatos, e mais equilibrados da Europa.

Na França, na Inglaterra, na Bélgica, na Suíça, nos Balcans, na própria Alemanha, o caso português é apresentado como uma lição, como um exemplo a seguir.

Porque? Qual a explicação dessa atracção, dessa tendência que leva certas velhas e cepticas nações, que desceram de nós durante muito tempo, que colaboraram no nosso desprestígio, a elogiar-nos agora, quasi a invejar-nos?

Que fizemos?

Seguimos, por acaso, nos nossos metodos de governação, qualquer dos metodos em voga?

Esse teria sido—é verdade—o desejo de alguns Portugueses exaltados, irrequietos, que chegaram a censurar o actual Chefe do governo Português pela sua inteligente resistencia em aceitar metodos e processos de acção politica inadaptableis ao seu caracter e ao proprio feitio do povo português.

Abençoada e patriótica resistencia porque foi ela, afinal, que lhe permitiu realizar a obra admiravel de que todos hoje nos podemos orgulhar e que chamou, para nós, precisamente, a atenção do mundo civilisado.

A CONSCIENCIA, disse Salazar, está, apesar de tudo, acima do Estado.

Nesta frase distinguio o illustre Estadista Português o que separa o seu Governo nacionalista e autoritario de quaisquer Governo extremista, da esquerda ou da direita.

Para nos prestigiarmos no conceito universal, á falta de novos caminhos terrestres ou maritimos a desvendar, precisavamos de descobrir, pelo menos, um novo caminho espirital.

Imitando Mussolini, Hitler, Kemal ou Dollfuss, Portugal continuaria a ser uma nação subserviente, grande no seu passado mas sem personalidade no presente.

Criando Salazar, caso nacional com directrizes universais, reetamos milagrosamente a nossa tradição de povo descobridor, de povo que não perdeu o habito da bussola e do quadrante.

Haverá Portugueses que não o entendam assim, que prefiram copiar a ser originaes, que gostem de parecer alemães, americanos, austriacos, jugo eslavos, italianos ou turcos?

JOAQUIM LANÇA, falando em Belem, numa sessão de propaganda doutrinaria, focou a obra realizada pelo Estado Novo, afirmando que se não havia cuidado, apenas, da parte material da vida, cuidara-se tambem das necessidades espirituais e morais da gente portuguesa.

Por isso Salazar disse ao povo: *Oferece-vos a minha doutrina. Essa doutrina é a da União Nacional.*

Joaquim Lança dissertou largamente sobre essa doutrina, afirmando que o fazia após longos meses de experiencia, de verificar as causas que traziam os homens até á organização da União Nacional.

Meia duzia de formulas seriam fundamentais para unir todos os Portu-

ACERTANDO O PASSO...

Ainda ha, como disse o sr. dr. Carneiro Pacheco na sessão de encerramento do Congresso de União Nacional,—o equívico dos homens cinceros que, no cumprimento do dever civico, havendo assumido uma posição politica no passado, se julgam, por coerencia, obrigados a manter-se estranhos á vida do Estado Novo, embora o aceitem sem repugnancia mental e até reconheçam a sua Obra.

«Este errado conceito de coerencia, acrescentou o orador, que, perante o dever civico, é antes incoerencia—tem privado o Estado Novo da co-operação de alguns homens desejaveis, mas acaba sempre por ser esclarecido—é questão de tempo—pela voz torturante da propria consciencia.»

Tem certa oportunidade referir-nos a este assunto do afastamento em que estão, das fileiras do Estado Novo, os valores nacionais e locais que, mentalmente, reconhecem e não negam, que a politica administrativa e financeira do Estado Novo, nomiadamente com Salazar, tem sido benéfica ao paiz,—e reconhecem e não negam que estamos vivendo uma época nova de trabalho, de acção, de progresso nacional, de reorganização politica.

Reconhecem e não negam que o regime parlamentar, pelo prestigio do qual tantos se bateram e que quizeram dingificar, havia desandado para uma coisa que se tornara insuportavel e inconveniente á boa marcha administrativa e aos interesses, portanto, da Nação, que, não se esqueça, é de todos.

Não deverá errar-se dizendo que a boa organização parlamentar deve ser filha da boa organização dos partidos, e se estes não são servidos e orientados por um pensamento de alto interesse nacional, bem superior ao interesse das pessoas e dos grupos, nem os partidos, nem o parlamento, servem a Nação.

E' recordar-se a facilidade com que no nosso Paiz se criaram partidos, grupos partidarios e actuações politicas, pelo menos desde a cisão Hintze Ribeiro—João Franco.

Os que são desse tempo podem recordar-se que barulho se fez, que desorganização se criou, que de interesses sobrenadaram nesse desfazer dos fortes partidos constitucionais. Nunca mais houve a mesma continuidade ministerial, nunca mais houve paz politica, nunca mais se trabalhou socegradamente—com devoção patriótica.

Veio o novo regime politico em 1910, e este herdou os vicios já condenados no anterior regime que trouxeram para a luta entre pessoas, não das ideias, para a luta dos grupos politicos, os mesmos defeitos e a indisciplina politica do passado.

O parlamento foi o que se viu, a administração publica o que pode ser. Os que melhor queriam servir a Nação encontravam pela frente, a opor-se-lhes, o interesse e a conveniencia partidaria—e anos seguidos se arrastara a solução dos mais altos problemas nacionais. O que de melhor pode ser feito—fez-se em ditadura parlamentar ou em ditadura partidaria.

A Ditadura Nacional, começada em meados de 1926, foi uma situação reclamada pelos interesses da Nação—e tem provado que a Nação entrou com ela em novos rumos administrativos, alcançado prestigio interno e externo, a ponto mesmo de Salazar poder dizer, como disse, que «temos felizmente podido aumentar de ano para ano as importancias que se destinam a obras de pontes, caminhos de ferro, estradas, hidraulica, edificios publicos, palacios e monumentos nacionais, de modo a atingirmos no próximo ano, (o corrente de 1934-35) só no Ministério das Obras Publicas e para obras em geral reprodutivas, 25% do total do Orçamento», não se contando aqui o que se dispõe pelo Fundo do Desemprego, que é muito e muito util ao paiz.

Perante os factos cessam os argumentos. E a coerencia politica a que se referiu o sr. dr. Carneiro Pacheco, embora muito respeitavel, deve ceder o seu lugar ao Interesse Nacional que obriga, sejam quais forem as nossas preferencias politicas e as nossas simpatias partidarias, a que por pensamento, por trabalho e obras sirvamos a grande Nação Portuguesa, dentro do espirito do seu progresso, do seu desenvolvimento, da sua nobilissima tradição.

«Eu por mim declaro que, para servir o Interesse Nacional, sirvo, sem a minima reserva de pensamento e acção, a Republica Corporativa.»

A esta declaração do sr. dr. Carneiro Pacheco, só tenho que acrescentar que sirvo a Republica Corporativa dentro dos principios Cristãos, da obediencia á Igreja Católica, o que é bem da tradição da nossa Pátria.

Acertemos todos o passo—e vamos para diante, servindo a Nação.

Mário Silveira

gueses de honra e de boa vontade.

A União Nacional, reservatorio dos homens necesarios á administração publica, conseguiu substituir os partidos sem ser um prtido, embora pudessem sê-lo e bem grande.

A União Nacional não era agencia de empregos, pelo contrario.

Aqui sobrepoem-se aos nossos interesses—os interesses da celectividade.

DO DIARIO DA MANHÃ, jornal do Governo e que impõe doutrina áqueles que seguem lealmente a orientação do mesmo, copiamos as linhas que se seguem e que são da máxima oportunidade.

—O perigo das tropas de assalto... ao poder.

«A Alemanha estava ameaçada de uma guerra civil. O Chefe do Estado Maior das tropas de assalto comprara

no estrangeiro muitas metralhadoras, pistolas—metralhadores, munições que estavam guardadas no quartel general de Munique. Nas principais cidades as tropas de assalto já estavam mobilizadas.»

Em Portugal, felizmente, diz o «Diario da Manhã», como afirmou o sr. Coronel Lopes Mateus no Congresso da União Nacional «o Exército não precisa nem consente que outros desempenhem as funções que lhe incumbem.»

SALAZAR a Antonio Ferro.

«Para equilibrio da situação do País preciso dos republicanos e dos monarchicos, mas todos integrados, sem inquietações e sem ideias reservadas, dentro do regime e actuando, acima de tudo, como portugueses...»

Palavras claras, precisas, sinceras, dum iluminado que vê na meta dos seus sonhos a Patria engrandecida pelo esforço dos seus filhos.

Todos devem com a maior isenção e lealdade ajudar Salazar na obra de ressurreição Nacional, levar a todos os cantos de Portugal o conhecimento da grandiosidade unica da sua acção, tendo feito dum País anárquico uma Patria modelar.

A condição maxima é a lealdade, servindo Salazar sem reserva mental, vendo nele o Salvador da nossa nacionalidade, o Homem predestinado para, na hora própria, surgir e salvar Portugal.

UM PROFESSOR americano deitou contas á população da Europa e verificou que havia, nada mais nada menos, deoito milhões de mulheres a mais que o numero existente de homens.

Deoito milhões, sempre é muita gente.

Tanto, porem, não quiere dizer isto que, com este superavit do feminino sobre o masculino, não estejamos convencidos de que não tarda nada que o sexo forte passe a ser um pau mandado na mão do chamado sexo fragil.

UM SENHOR de paciencia é o sr.

João de Oliveira, da Rua de S. João, no Porto, que se foi queixar á Policia contra sua Esposa, Barbara, acusando-a de ter abandonado o lar conjugal pelo espaço de meia hora, deixando a porta da residencia aberta, tanto á ida como a vinda, com risco do queixoso ser vitima dum furto.

Pedi que a Esposa fosse admoestada, para que tais casos não se repetam.»

E' muito exigente o sr. Oliveira, não dando tempo—sequer meia hora—a sr.ª Barbara, para vir tomar ar á rua, conversar com os visinhos.

Quantas há que passam o dia na Rua, visitando amigas, cuscuvilhando interesses, deixando os homens em Casa, com os Filhos; essas coube-lhes um Marido que não vai queixar-se á Policia.

A outras, como á Sr.ª Barbara, lá porque se escapou por pouco tempo—meia hora apenas—e foi ali a baixo falar com o visinho, já o sr. Barbosa se prontifica a ir á Policia queixar-se da Esposa que lhe deixou a porta aberta.

Esta Barbara há-de ser uma Santa com certeza, a ter de aturar um ta marido que nem a deixa respirar se quer meia hora.

NOTAS DO PORTO

BONS VISINHOS

A Galiza, continuação na paisagem e na beleza do nosso querido Minho, de costumes iguais e sentimentos semelhantes, anda no nosso coração e pensamento, como a saúde e a imagem dum irmão ausente. A simpatia dos portugueses nortenhos pelos galegos vem de há bastantes anos, desde que as lutas da nossa independência findaram. Irmãos de raça, os seus feitos, a sua história, é a mesma de Portugal. Ambos assumbraram o mundo pelas conquistas e descobertas, civilizando povos e colonizando o Brasil, Argentina, todos esses vastos territórios do Novo Mundo, em África, na Ásia, em todas as partes do Universo chegavam os portugueses e espanhóis, vencendo com a cruz e a espada o génio selvagem.

O rancôr e ódio que as guerras ateiam, desapareceram para dar lugar a um estreitamento de relações amigas de simpatia acolhedora. Vigo, Pontevedra, Corunha, Viana, Braga, Porto, cidades todas irmãs pelo coração. O intercâmbio intelectual que se tem desenvolvido entre os dois povos, concorre imenso para esta amizade. As excursões populares, as conferências e a imprensa, tem sido os baluartes desta união pelo espírito.

A excursão de Vigo que ultimamente nos visitou foi festivamente recebida com um entusiasmo delirante. Os tripes dispensaram-lhe um acolhimento tam fraternal, que a eles mesmo surpreendeu, por espontâneo e sincero. É para nós motivo de orgulho e satisfação o verificarmos que entre Portugal e Espanha não existe a mais pequena inimidade, mas antes um firme propósito de colaboração, que só pode resultar em benefícios mútuos. Nenhum povo hoje pode viver isolado e antes deve procurar entender-se com outros, para lhe advirem desse entendimento vantagens preciosas, tanto no campo económico, como no intelectual. É por isso que devemos rejubilarmos com o facto, demais sendo tam espontâneo por ter sido a alma popular quem vibrou de contentamento á chegada dos comboios especiais de Vigo e que se despediu com tristeza, á partida.

Outras excursões se anunciam, de visita á Exposição Colonial e todas serão, estou certo disso, bem recebidas, como se recebe um hóspede amigo ou parente afastado, em nossa casa. Os portuenses são hospitaleiros.

Bons amigos... Bons vizinhos... E as lendas que os nossos avós nos contavam á lareira, lendas de lutas e guerras desapareçam, para dar lugar aos contos de boa amizade entre portugueses e espanhóis

R.

**PELA ORDEM!
POR PORTUGAL!**

BARCELENSES:

FILIAI-VOS

NA

**UNIÃO
NACIONAL**

ECONOMIA CORPORATIVA

Assim como a economia socialista se opõe a economia liberal, não sem que prevalecesse naquela os preconceitos materialistas que informaram esta, a economia corporativa veio sobrepôr-se a ambas as ditas formas de economia.

O defeito comum dos sistemas liberal e socialista é o de considerar o Estado uma realidade estranha ao individuo.

Hugo Spirito em *I Fondamenti della Economia Corporativa*, que ultimamente apareceu vertido em português, definiu admiravelmente este contraste.

«... o problema mantém-se da mesma forma na equação, visto que a solução da autonomia individuo-Estado se limita, em ambos os casos, a sacrificar um dos termos do binómio á supremacia do outro e, sempre que o termo sacrificado conserve algum valor, por mínimo que seja, constitui uma limitação muitas vezes necessária, da realidade do termo conjecturado. No liberalismo o limite do individuo é o Estado; no socialismo o limite do Estado é o individuo. A incapacidade para resolver a autonomia pela identificação do individuo e Estado, conduzia o socialismo á concepção do Estado burocrático.»

O Estado, no conceito corporativo, que não se exprime apenas no aspecto economico mas tambem no politico que abrange aquele, é a própria realidade do individuo no exercicio da sua função social.

A actividade individual não tem por fim exclusivo ela própria mas o conjunto social que condiciona os interesses particulares. É na prosperidade colectiva que o individuo realiza a sua própria finalidade. Daí se pode concluir com o citado Spirito que «todos os fenómenos economicos são estaduais».

Eis porque no Estado Corporativo o individuo, conquanto que livre na sua iniciativa é obrigado a orientar a sua actividade para o interesse comum que o Estado defende. A intervenção do Estado não absorve as actividades individuais e somente as orienta, coordena e supre quando necessário.

A orientação no Estado dos poderes economicos e da direcção da produção, do socialismo, e a dispersão anárquica, do liberalismo, são substituídas pela sistematização dos grupos economicos, isto é, pela Corporação que reúne os elementos activos de cada ramo da produção.

As corporações morais e economicas representam integralmente no Estado todas as individualidades da Nação, isto tanto na ordem politica como na economica.

Elas não são, porem, o Estado, que representa o interesse colectivo e não o natural particularismo dos próprios grupos economicos que, a não serem dominados por uma força superior, depressa se fraccionariam, passando uns a exercer hegemonia sobre os outros.

O Sr. Dr. Marcelo Caetano, nos «Cadernos Corporativos» (n.º 4, de 5 de Março de 1933) afirmava justamente que «As associações de produtores formar-se-iam fora do Estado e paralelamente a ele», competindo-lhe duas funções «criar direito próprio e direito interno das corporações e limitar a actividade do Estado, evitando que degenere em ofensiva dos principios fundamentais da formação social».

O Estado identifica-se com os individuos, através das formações orgánicas das suas actividades especificas.

A pluralidade juridica que concede ás Corporações atribuições normativas sobre o regime interno da produção, obtem legitimidade por meio do assentimento do Estado.

A direcção da economia pertence deste modo aos próprios produtores, colectivamente considerados, podendo encontrar-se nesta fórmula a definição da expressão em voga de economia dirigida, melhor dita, organizada ou auto-dirigida.

R. de L.

Uma tela maravilhosa

O nosso conterraneo e distinto artista, sr. Manoel Gonçalves Torres, laureado aluno da Escola de Belas-Artes, do Porto, e que ha muito vem afirmando as suas qualidades de artista demonstradas nas varias exposições de retrato-caricatura e outros trabalhos, acaba de expôr um quadro—tela maravilhosa dum dos mais lindos trechos da nossa cidade—que representa a ponte sobre o Cavado e os Paços dos Condes-Duques de Barcelos.

Na realidade, trata-se duma obra reveladora dos largos predicados do nosso distinto conterraneo e em que o genio artistico se evidencia duma forma esmerada.

Gonçalves Torres, nessa tela, não se limitou apenas a retratar a verdade do aspecto focado ou do motivo escolhido, ou ainda a salientar a sua cultura na Arte preciosa, não; Gonçalves Torres, foi muito mais alem, porque pôs ahí, nessa tela primorosa, numa captivante e dominadora realidade, um enorme pedaço da sua alma de barcelense, espiritualizando a sintese historica e bairrista da terra que lhe foi berço.

O lindo quadro que se acha exposto no Café do Teatro, já por que se

trata da produção dum artista barcelense, já pelo motivo escolhido, merece bem ficar em Barcelos.

De resto, sabe-se que o distinto artista, que é pobre, tem feito algumas exposições, fez este quadro e projecta fazer outros ainda, a ver se consegue dinheiro com que completar o curso que foi forçado a interromper por carencia de recursos.

É realmente simpatica a sua attitude procurando obter pelo seu proprio esforço, pelo culto da Arte que tam finamente exalta em lindas produções, os meios indispensaveis ao complemento das suas habilitações.

Esse motivo é mais que bastante para lhe darmos todo o nosso apoio, e muitos parabéns pelo belo quadro que produziu.

Entre nós, de facto, é preciso desenvolver o gosto pela Arte, pois—e lamentavel é confessa-lo—Barcelos conta na galeria de homens ilustres uma alta figura de artista, hoje largamente consagrada, que foi Candido da Cunha, e dele não possui uma unica obra entre as tantas maravilhas que produziu.

Por isso mesmo, entendemos de justiça ajudar e auxiliar todos aqueles que, por meritos proprios se evidenciam, honrando-se e honrando a sua terra. E Gonçalves Torres está nessas condições.

CONGRESSO DE BOMBEIROS

O primeiro congresso dos bombeiros portugueses, realizou-se no Porto, em 1889, por principal iniciativa de Guilherme Gomes Fernandes, tendo a ele assistido, como representantes dos Bombeiros de Barcelos, os saudosos comandantes Sebastião Oliveira e José Carvalho.

Depois disso, varias tentativas se fizeram, e até, em 1905, houve uma reunião em Sintra, que pretendiam denominar como II congresso e I concurso, mas que, pela insignificante adesão obtida, tal classificação não pode merecer.

Só em 1930, devido ao esforço de Jaime Firmo Rocha, antigo director da revista «O Fogo», uma comissão composta pelos comandantes das corporações do concelho de Cascais, conseguiu levar a efeito, no Estoril, outro congresso de Bombeiros.

Foi então que se criou a Liga dos Bombeiros Portugueses, sendo esta que depois organizou e levou á prática os congressos de Setúbal, em 1931, da Covilhã, em 1932, e agora prepara o de Tomar, de 26 a 30 do mês corrente.

Os Bombeiros de Barcelos, que já tomaram parte nos congressos do Estoril e da Covilhã, vão tambem a Tomar, fazendo se representar não só pelos seus comandantes e delegado da direcção, como congressistas, mas tambem por uma equipe do corpo activo; no seu auto-primeiro-socorro, a fim de entrar nas demonstrações técnicas a realizar, parte prática do congresso destinada ao estudo para organização de uma forma uniforme e geral das manobras e modo de executar o serviço de incêndios.

Aqueles delegados da direcção e corpo activo partem para Tomar no dia 25, e a equipe segue no dia 27.

Como nas perseguições dos Cesares...

As Exéquias de Von Klausener

foram uma homenagem ao morto e uma lição de espirito cristão

A consciencia catolica daqueles alemães que não sacrificam á nova idolatria sentiu-se naturalmente ferida pelas revoltantes cenas que puzeram fora da civilização europeia o desgraçado país.

Mas como no tempo das catacumbas, em que os cristãos, morrendo serenamente a defender os foros da sua consciencia, e a liberdade de servir a Deus, se reuniam para orar pela colectividade, assim os alemães catholicos deram uma lição expressiva nas homenagens funebres de Klausener.

As suas cinzas foram a enterrar depois de uma comovente cerimonia religiosa, que o Bispo de Berlim presidiu, assistido pelo Cabido da Catedral em pleno e rodeado de todos os sacerdotes da capital.

Tambem foram celebradas exéquias pelo assassinado na parochia de S. Matias, sua residencia. O paroco, leu um protesto contra as barbaridades que vitimaram von Klausener, que ainda na ultima festa da Consagração da diocese de Berlim ao sagrado Coração de Jesus pronunciara um eloquente discurso, contra o qual se ensanhou por tal forma a barbaridade nazi que não só o assassinaram brutalmente, mas tambem lhe negeram os socorros religiosos, e quiseram por fim malograr a sepultura eclesiastica incinerando á força as suas cinzas, depois de ter diademado o seu nome dizendo á familia que se suicidara.

As ceremonias funebres terminaram por uma oração pela sorte da Alemanha, para que Deus dê aos seus governantes sabedoria, sentido da justiça e afaste do povo a peste da violencia e divisão.

Do «Diário do Minho»

NEGRO QUADRO DE MISERIA

Barcelos, 16 de Julho de 1934.

... Senhor Director do «Noticias de Barcelos»

Barcelos

Venho rogar-lhe o favor de no jornal que V. Ex.ª tam inteligentemente dirige, chamar a atenção de quem de direito para um impressionante quadro de miséria que acabo de constatar, e a que é preciso acudir com brevidade.

Seis crianças lutando constantemente com a fome, e os pais, desempregados, passando necessidades e desesperando de poderem minorar a situação afflitiva que os atormenta

Custa a crer se tenha consentido que um chefe de familia com aptidões de trabalho e vontade de ser útil, chegasse a tam extremos apuros, impossibilitando-o, pela inação, de poder angariar honestamente o sustento dos filhos, que tam queridos lhes são.

Calcule V. Ex.ª, Snr. Director, os tormentos morais, a onda de desespero e de revolta que uma situação assim pode ocasionar e que indubitavelmente este chefe de familia deve ter sentido, descrendo de tudo e de todos, e predispondo-o a qualquer acto que a sociedade não poderá condenar, porque lhe deu causa, com a sua indiferença e abandono.

Faça V. Ex.ª, Snr. Director, um apelo ás autoridades, ás pessoas bondosas, no sentido de se conseguir afastar desta familia tam numerosa e tam necessitada, a fome horrível que a atormenta. As criancinhas, inocentes e desprotegidas, não têm culpa, não lhes cabe a responsabilidades de o pai não ter trabalho. E na sua inconsciência, ignorando a triste realidade, pedem insistentemente pão, esse pão que o pai lhes não pode dar e a sociedade descuidosa e egoísta lhes recusa

Um Barcelense

Viação desastrada
Automóvel que se despenha numa ribanceira

Ampliando a noticia do nosso ultimo numero transcrevemos de «O Comercio do Porto».

Barcelos, 11—Na noite de segunda para terça-feira, cerca das 23 horas, quando o automovel N-11.098 seguia de Barcelos para a Povoia de Varzim, ao chegar proximo da ponte que liga Barcelos e Barcelinhos, devido á impericia do motorista despenhou-se pela ribanceira, caindo pesadamente numa cova com dois metros de profundidade, executada para extração de barro empregado na industria de olaria regional. O veiculo, segundo se afirma, seguia a cerca de 100 quilometros á hora, parecendo, tambem, que o condutor, Victorino L. de Araujo, ia embriagado.

No carro seguiam alguns passageiros que fugiram espavoridos após o desastre, nada tendo sofrido, assim como o motorista. Este, ha tempos foi viti-ma de um acidente semelhante, tendo, então, causado a morte a uma pobre mulher e a um rapaz.

Os prejuizos causados no carro são avaliados pelo seu proprietário, que era o condutor do mesmo, em 6.000\$00.

MOVIMENTO DE LETRAS

Nos primeiros quatro meses do corrente ano o número de letras protestadas (moeda nacional) no continente e ilhas foi de 11.121, no valor de 34.265.927\$00 contra 11.636, no valor de 33.086.354\$00 em igual período do ano anterior.

Nos mesmos meses, o desconto de letras, no continente, foi de 527.015, no valor de 1.745.245.716\$00 contra 475.959, no valor de 1.590.638.895\$00 em igual periodo de 1933.

As Finanças e o Revirvalho...

Afonso Costa e os seus discipulos ou imitadores não dizem a verdade quando afirmam que a Libra-ouro cotada a 180\$00 constitue um perigo para a economia nacional

Pretendem apenas fazer demagogia barata, pois sabem que a Libra-ouro não existe como moeda.

(DO «DIARIO DA MANHÃ»)

A formidável nota officiosa «Duas escolas politicas», ontem publicada, veio trazer a Portugal, mais uma vez, a certeza de que os homens que hoje governam são «inteligencias formadas no espirito de positividade, não compreendem o debate estéril, a discussão pela discussão». «Não há verdades de partidos nem verdades ou erros conforme a posição occupada». E mais: «a verdade tem o seu brilho e a justiça o seu peso; sobre as contradicções do odio, uma e outra acabarão sempre por alcançar a vitória».

As «duas escolas politicas» podem designar-se assim: escola da mentira e do odio, escola afonsista ou escola do revirvalho—de qualquer das formas...—, e escola da verdade e do amor pátrio, escola de Salazar ou escola do Estado Novo.

Pertencemos e queremos pertencer sinceramente á segunda. Com ela está a Nação trabalhadora e progressiva.

Mas... por que é que vimos hoje rebater o que disseram o dr. Afonso Costa e o outro senhor?

Escreveu o Doutor Oliveira Salazar na bela nota officiosa de ontem: «... o jornalista proclama na capa do seu livro vir dizer sobre um homem público a verdade e confessa tê-la arrancado ao odio do inimigo; o

entrevistado, se eu discutir as suas afirmações, promete não se calar mais... O debate está assim encerrado, antes mesmo de se abrir; o que se segue é apenas para Portugal e para os Portugueses».

Isto afirmou o Chefe. E muito bem. Muitissimo bem! O entrevistado do jornalista brasileiro, o «homem sinistro» de Paris, e os que o acompanham nas criticas balôfas, odiantes e sem valor algu não têm categoria suficiente que legitime uma resposta ou uma discussão assinada pelo nome do maior e do mais illustre dos Portugueses—Salazar.

Não têm categoria e por isso não têm direito a uma resposta do Chefe.

Já algumas vezes houve uma certa benevolencia e tiveram mesmo a honra de uma lição.

Mas eu, simples soldado da causa da verdade e do Estado Novo, discipulo que não mestre—e discipulo dos mais apagados—, venho á trincheira do jornalista desfazer, mais uma vez, a mentira e o odio dos criticos afonsistas e seus aliados, brancos ou vermelhos.

E' claro que eles não se converterem... são inconvertiveis... No erro e na má fé não de sempre permanecer.

Destina-se, pois, o que se escreveu aos indifferentes e a certos simpatizantes gerais que por vezes parecem des-

falecer na firmeza do ánimo ou no amor da verdade... acreditando e fazendo circular inconscientemente certas fantasias, que deviam liquidar á nascença.»

O dr. Afonso Costa e um outro senhor atacam a politica monetária portuguesa porque, dizem, a libra-ouro cota-se a 180\$00. E isto é muito mau, não se compreende, é prejudicial á economia interna, etc., etc.

Mais. Afirmam com inacreditavel ousio este desconchavo—a riqueza nacional deminuiu 60 % (o outro senhor reduz para 1/3, apenas...)

E, por ultimo, declaram que o custo da vida aumentou, em muitos casos, de 20 %.

E' de lamentar, sobre ser desprezível, que certas pessoas que se dizem nacionalistas usem destes pseudo-argumentos, copiados das entrevistas do «antigo chefe da trágica Carbonaria»... e os trasladem para documentos de caracter politico (ou melhor, politiquero?) assinados por nomes que se julgavam muito longe de tais atitudes... O pior é que os extremos se tocaram e se uniram no ataque falho de probidade científica e politica, revelando a mais crassa ignorancia dos problemas fundamentais da vida nacional.

(Continua no próximo numero)

Ensino primário

O número de examinandos inscritos para os exames de 2.º grau no corrente lectivo foi de 41.124.

A sua distribuição pelos distritos escolares é de: Aveiro, 2.493; Beja, 1.009; Braga, 2.089; Bragança, 1.176; Castelo Branco, 1.768; Coimbra, 2.429; Evora, 952; Faro, 1.928; Guarda, 1.990; Leiria, 1.367; Lisboa, 8.163; Portalegre, 1.086; Porto, 6.281; Santarem, 2.252; Setubal, 1.272; Viana do Castelo, 1.280; Vila Real, 1.338; Vizeu, 2.551.

Em relação ao ano lectivo transacto, houve um aumento de 1.078 candidatos, verificando-se as seguintes diferenças: para mais, em Beja, 112; Braga, 44; Castelo Branco, 173; Coimbra, 24; Evora, 68; Faro, 55; Guarda, 148; Leiria, 49; Lisboa, 122; Portalegre, 64; Santarem, 52; Setubal, 49; Viana do Castelo, 58; Vila Real, 103; Vizeu, 42; para menos, em Aveiro, 75; Bragança, 3; Porto, 9.

Nos últimos cinco anos lectivos, o número de examinandos inscritos para exame de 2.º grau foi de:

1930	27.050
1931	29.322
1932	36.627
1933	40.046
1934	41.124

EXAMES

Completoou brilhantemente o 2.º ano de direito na Universidade de Coimbra o inteligente academico José Teotonio Ribeiro da Afonseca, filho do sr. dr. Teotonio José da Afonseca, muito di-

gno Conservador do Registo Predial da Comarca de Barcelos.

As nossas calorosas felicitações.

Terminou o Curso do Liceu, fazendo o 7.º ano de letras, o distinto academico, Domingos Gomes da Costa, nosso patricio e muito inteligente estudante.

O nosso abraço de parabens.

Completoou o Curso dos Liceus, fazendo há dias o 7.º ano de Ciencias, obtendo excelente classificação, o estudante Manoel Maria Barreto de Magalhães.

Com 17 anos apenas, mostra ter sido sempre aplicado.

Muitos parabens.

No Liceu de Braga fez o 2.º ano, obtendo plena aprovação, o estudante Antonio Azevedo C. Coelho Goncalves, filho do nosso amigo e importante negociante sr. Umberto Coelho Goncalves.

Tambem no mesmo Liceu obteve aprovação no exame de 2.º ano o aluno Antonio da Costa Portela, filho do antigo e conceituado negociante sr. Antonio da Costa Portela.

A todos as nossas felicitaçãoe.

RANCHO MINHOTO

Foi a Lisboa abrilhantar as festas da Semana do Vinho Verde o Rancho Minhoto, constituído por elementos de Barcelos, mas trajando á moda do Minho.

Sabemos que foram muito apreciados os seus cantares e bailados, caracteristicamente regionais, tanto adequados ás festas que se realizaram e que eram a transplantação pa-

ra Lisboa dum pedaço de Minho.

Todos os jornais de Lisboa se referiram com o maior elogio ao Rancho Minhoto, o que nos deve orgulhar bastante.

No Parque Mayer, no Estoril, no Aviz Hotel foram sempre muito applaudidos.

No Aviz Hotel, perante uma assistencia distinta, onde não faltaram representantes do Corpo diplomatico, «exibiu-se no jardim fronteiro ao vasto salão, o notavel «Rancho de Barcelos», formado por raparigas e rapazes, com os seus vistosos trajes regionais, acompanhados da sua orquestra, que se fizeram ouvir em varios numeros de canto e de dança tipica, que deixaram na seleta assistencia uma agradável impressão, não só pela forma como foram executados como tambem pela cor local que souberam imprimir.»

«O Rancho de Barcelos é, sem duvida, uma das melhores organizações nesse genero que nos tem visitado.»

Tenente Jcsé Antonio Beleza Ferraz

Com distincão concluiu o 3.º ano do Curso do Estado Maior do Exercito o nosso cintilante colaborador sr. Tenente José Antonio Beleza Ferraz.

Oficial de Artilharia de Costa, na Escola de Guerra foi o aluno mais classificado do seu curso e o amor que dedica a todos os assuntos militares, alem da concideração que desperta entre os seus camaradas, e a sua inteligencia esclarecida são garantia de um futuro brilhante.

Ao bom amigo Tenente José Antonio Beleza Ferraz, um grande obraço de parabens.

INTERNATO DO LICEU DE SÁ DE MIRANDA--BRAGA

Ótimas instalações, na parte nova do edificio do Liceu = Amplos dormitórios, salas de estudo, balneários, ginásio, etc. = Aquêcimento interior, no inverno = alimentação sãdla, variada e abundante = Passeios recreativos = Assistência moral.

Os alunos do internato são para todos os efeitos considerados alunos internos do Liceu, frequentando diariamente as aulas e tomando parte em todos os trabalhos escolares, etc. Acompanha-se o seu aproveitamento escolar e, fora dos tempos lectivos, funcionam no internato cursos auxiliares de didactica de aprendizagem. Chama-se a atenção das familias para o prazo das matriculas.

Pedir prospectos e informações á Direcção --- PADRE CANDIDO AUGUSTO DA ROCHA VIEIRA
ANTONIO DA COSTA LIMA

Camara Municipal

Extracto da acta da sessão de 3 de Julho de 1934

Aos 3 dias do mês de Julho do ano de 1934, nesta cidade de Barcelos, edificio municipal, e sala das sessões, reuniu a Comissão Administrativa Municipal sob a presidencia do Ex.^{mo} Sr. Miguel Gomes de Miranda, estando presentes os vogais José Gomes de Souza, Joaquim José de Oliveira e José de Bessa e Menezes, secretário.

Por motivos justificados não compareceram os Vogais Dr. José Constantino Lopes Rodrigues, vice-presidente, e Padre Domingos Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro.

Depois de dada a hora fixada para as sessões, pelo Sr. Presidente foi declarada aberta a sessão em nome da lei. E eu, Chefe da Secretaria, li perante todos a minuta da acta da sessão anterior, que foi aprovada.

EXPEDIENTE

Foi presente o balancete do cofre municipal relativo á última semana.

Foram autorizados os documentos de despeza n.ºs 1 e 2, no valor total de 5.200\$00.

ORDENS-DE PAGAMENTO ANULADAS

Foram presentes os seguintes documentos de despeza, autorizados e não pagos por falta de disponibilidades: Autorizações n.ºs 99, 1232, 1398, 1459 e 1460 no valor total de 28.806\$80; fôlha de expediente e limpeza das escolas relativa ao segundo semestre do ano económico de 1932-1933, com o n.º de ordem 762, com recibos no valor de 275\$00; Fôlha n.º 761, de renda de casas aos professores relativa ao segundo semestre de 1932-1933, com recibos no valor de 540\$00; e a folha n.º 655, de rendas de casas de escolas relativa ao 2.º semestre de 1933, com recibos no valor de 667\$00. Estes documentos de despeza, no valor total de 30.288\$80, foram anulados, devendo ser pagos, pela verba de dívidas no ano económico corrente.

IMPOSTOS DE TRANSITO

Foi resolvido pôr em reclamação, por espaço de 20 dias, o mapa de lançamento do imposto de transito nas estradas, devendo ser publicados anúncio e editais.

IMPOSTOS INDIRECTOS

O Sr. Presidente deu em seguida conhecimento de uma conferência que teve com os comerciantes de junto e propôs que, atendendo a que esses commerciantes, colectados como commerciantes de junto, não vendem apenas para revenda, mas também a retalho, para consumo directo, paguem apenas 50% dos impostos indirectos, como compensação das mercadorias reimportadas e das vendidas para revenda, desconto esse que será feito no acto da entrada das mercadorias e do pagamento dos impostos.

Foi aprovada por unanimidade esta proposta e resolvido que fique sem efeito a deliberação de 5 de Maio último na parte relativa á restituição

UMA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA

NO

CONCELHO DE BARCELOS

Quem viaja na linha férrea do Alto Minho, ao sair da estação do Tamel para Viana do Castelo, é forçado a espreitar a vista sobre o pitoresco vale, que se estende ao seu lado direito; cortado longitudinalmente pela estrada que segue a Ponte do Lima; e, nesta deliciosa contemplação, os olhos se lhe demoram sobre um magestoso templo que se levanta na meia encosta do Monte Castro que cai sobre a antiquíssima freguesia de Balugães.

E' o templo da *Senhora Aparecida*, assim chamado, porque naquele sitio, faz agora 230 anos, a Mãe de Deus se dignou aparecer pessoalmente, a um humilde pastorinho de pouca idade, surdo-mudo de nascença, a quem a Senhora deu fala, para êle publicar e conseguir realizar a sua vontade de erigir ali um santuário, em que ela revelasse as suas glórias e poderes.

A veracidade histórica desta aparição — a primeira em terras portuguesas — consta das provas que aqui reunimos, e que reputamos irrefutáveis.

A principal, além da tradição constante, conservada no culto permanente, votado pelos fieis do logar da aparição, é a narração, demoradamente circunscrita, que do facto da aparição faz Frei Agostinho de Maria Santíssima, nas páginas 224 a 225 do quarto tomo do seu *Santuário Mariano*. Este autor escreve em 1709, como êle mesmo afirma, ou seja, sete anos depois da aparição, que da realizada em 1702, merecendo nos, por isso, todo o crédito o seu depoimento.

Neste confessa que, o maior dos milagres operados na ermida da aparição foi tão grande, desde a edificação desta que rapidamente se espalhou pelo reino, chegando ao paço real de Lisboa «o Sereníssimo Senhor D. Pedro II, que santa glória terá, em prémio da sua grande piedade, lhe mandou uma rica corôa de prata; pela grande devoção que lhe tomou com as notícias que lhe referiam».

Este soberano faleceu em Dezembro de 1706.

Grande valor provativo nos oferece

a construção do templo actual (1707-1723) por ser mandado erigir pelo arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles, depois de visitar, pessoalmente, o sitio da aparição, e de falar com o vidente a quem nomeou para ermitão da capelinha da Senhora, como diz na sua narração o citado Frei Agostinho.

Oferecem-nos a terceira prova as seguintes inscrições, uma aberta na parede do frontispício do templo, e a outra em lápide tumular colocada sobre o pavimento da capelinha da aparição.

Na primeira lê-se:

Teve principio esta devoção de Nossa Senhora Aparecida no ano de 1704, em que appareceu ao simples e mudo João o qual desde então começou a falar publicando a dita aparição e daí se tomou a presente invocação.

Na segunda:

Aqui jaz o João mudo a quem Nossa Senhora appareceu em 1704.

Ignoramos a época da abertura destas inscrições; mas embora se queira presumir que a primeira é posterior á construção do templo, e a segunda em data afastada do falecimento do vidente, elas não deixam de ser uma prova documental da tradição de Balugães.

A data da aparição indicada nestes dois documentos difere um pouco do consignado Santuário Mariano, o que pôde attribuir-se a erro do autor da primeira inscrição, o qual confundiu a *colocação da segunda imagem* na capela da aparição que se realizou, segundo o autor do dito Santuário Mariano, em Novembro de 1704, com a data da aparição.

Não é de somenos importância esta outra parte do depoimento do mesmo escrito:

«Depois que se colocou em aquella ermidinha a primeira imagem, foram tantas as maravilhas e os milagres que Deus ali obrou, por intercessão de sua Mãe Santíssima, e tanto se espalhou a fama delas, que eram infinitos osromeiros, que concorriam a visitar a Senhora de diversas partes».

E, advirta-se que a gente do pri-

meiro quartel do século dezoito, não tinha a seu dispor a rapidez e comodidade dos transportes modernos, nem era possuída da nervosa monomania de viajar, que usufruem os peregrinos de Lourdes e da Cova da Iria. E, apesar disso, confessam os velhos de Balugães que era quasi diária a romaria dos devotos ao templo da Senhora, vindos dos concelhos de Viana, Paredes de Coura, Monção, Arcos, Ponte do Lima, Barcelos, e doutros mais distantes.

Acrescente-se finalmente para corroborar o exposto, que o convento beneditino de Carvoeiro distava apenas meia légua do sitio da aparição e os seus abades, homens de saber, não consentiriam que ali ao pé da sua portaria se inventasse e consagrasse uma mentira, ofensiva da religião, e que, além disso, os prejudicava, descentralizando, para Balugães, a frequência do seu mosteiro.

E' mesmo natural que fossem eles, como pessoas mais categorizadas da região, os informadores dos arcebispos de Braga, e os que fornecessem a Frei Agostinho de Maria Santíssima a miuda narração do milagroso facto.

Não esqueçamos também que, durante todo o século dezoito as visitas canónicas episcopais eram feitas trienalmente ás paróquias, pelo Prelado diocesano, ou por delegados seus, e estes, não consentiriam a fomentação de uma fingida aparição da Senhora.

Temos pois sobejas razões para crer na aparição de Balugães. Pertence aos catholicos barcelenses reacender e activar o antigo fervor pela *Senhora Aparecida* no seu concelho.

Foi uma graça celestial esta aparição; mas não ha favor divino que vingue e prospere sem a colaboração dos agraciados, pela propaganda religiosa.

Balugães pode, e deve ser, a Fátima das formosíssimas terras de entre Douro e Minho.

Festeja-se desde antigo a Senhora Aparecida de Balugães nos dias 14 e 15 de Agosto.

P. B. R.

do imposto cobrado sobre artigos reexportados.

IMPOSTO SOBRE CARROS DE TOROS

Foi resolvido por proposta do Sr. Presidente, que o imposto sobre cada carro de toros de madeira, que era de 2\$00, passe a ser de 1\$50.

PARADA REGIONAL

Foi resolvido subsidiar com 500\$ a cooperação de Barcelos na Parada Regional da Exposição Colonial do Porto, que se efectua no dia 15 do mês corrente.

OFICIOS

Do «Grupo Alcaldes de Faria», pedindo um subsidio. Tomado em consideração.

Do Sr. Ventura Abrantes, português de Olivença, pedindo que a

Camara apoie a pretensão da Camara Municipal de Cascais de que ao sitio de *Paredes* se dê o nome de Olivença. Resolvido atender o pedido.

REQUERIMENTOS

De Abilio Rodrigues de Souza, pedindo ligação de água para o prédio que habita e para o seu estabelecimento de padaria, na R. Infante D Henrique. Á Repartição Técnica, para proceder á ligação.

De Sebastião Rodrigues da Costa, pedindo ligação de água para a sua casa sita na R. da Madalena. Á Repartição Técnica, para proceder á ligação.

De Augusto Joaquim Pereira, pedindo licença para fazer modificações no interior e reparações nos telhados da sua casa sita na R. Bom Jesus da

Cruz.

De Domingos Gonçalves Martins, do lugar da Lage, freguesia de Tamel (S. Fins), pedindo licença para substituir os canos de um aqueduto. Estes dois requerimentos foram deferidos sem prejuizos de terceiros e de harmonia com as informações.

De Felix Fernandes Meira, do lugar de Enchate, freguesia de Vila Cova, pedindo licença para vedar o seu prédio denominado «*Eivado*» ocupando uma pequena facha de terreno municipal. Deferido sem prejuizos de terceiros, de harmonia com as informações, ficando o Sr. Presidente autorizado a outorgar na escriptura de venda.

Nada mais havendo a tratar, pelo Sr. Presidente foi declarada encerrada a sessão em nome da lei.

Cooperativa Agrária da Ribeira do Vale do Neiva

No Domingo passado realizou-se a Assembleia geral desta Cooperativa para apresentação de relatório, prestação de contas e alteração de Estatuto.

Foi, em Aldreu, sua sede, que se reuniram todos os associados e mais algumas pessoas simpatisantes com tal organização agrária.

De Lisboa veio por ordem do Ex.^{mo} Ministro da Agricultura, o Sr. Dr. Tiago Ricardo, para inspecionar o funcionamento da Cooperativa e assistir á assembleia geral.

Presidiu o Sr. Engenheiro Bernardo Expergueira, Presidente da Assembleia Geral, importante proprietário na freguesia de Fragoso.

O Gerente da Cooperativa, sr. Antonio de Queiroz, distincto Farmaceutico de Aldreu, que tem, com a sua energia e actividade, dado grande impulso á Cooperativa, leu o relatório e parecer do Conselho Fiscal, e que foram aprovados por unanimidade.

O Sr. Dr. Tiago Ricardo, usando da palavra, fez uma exposição dos fins da Cooperativa, exaltando a forma como esta tem sido orientada e dirigida, louvando a gerencia, fazendo ver a necessidade do seu maior desenvolvimento, fabricando não só manteigas mas também queijos.

Afirmou a boa disposição do Ex.^{mo} Sr. Ministro da Agricultura em auxiliar esta Cooperativa, como já tem feito e conta ainda fazer mais intensamente.

Falou a seguir o Engenheiro Agonomo, Sr. Dr. Justino Amorim, dissertando proficientemente sobre forragens e raças de vacas leiteiras.

Tambem o Sr. Dr. Matos Graça, em breves palavras, louvou a Cooperaçao do Estado no auxilio prestado a esta Cooperativa, pela forma valiosa como acabou de ouvir, dando-lhe matuquismos e dinheiro; incitou com entusiasmo a sua gerencia a continuar, como tem feito á evidencia, pugnando zelosamente pelos interesses dos associados.

A seguir foi encerrada a Assembleia Geral, deixando em todos a impressão bem vincada de forma modelar como tem sido administrada esta Cooperativa.

O Estado Novo não desampara as iniciativas de interesse colectivo, mais quando são, como esta, uma formula de organizaçao cooperativista.

Agora presente

Voltemos ainda hoje e sempre a falar sobre o mesmo tema de que falamos no penultimo numero:—A crise de trabalho, como resultante da crise moral e da crise religiosa.

O assunto é flagrante e assás interessante e por isso mesmo merece ser analisado e focado nos seus multiplos aspectos.

Vamos, leitor amigo, debruçar-nos sobre este miradouro, ou antes, observatório, do alto do qual, nesta angustiosa hora que passa poderemos ver o panorama politico-social das diferentes nações da Europa, todas atacadas de *delirium tremens* a que daremos o nome generico de convulsões sociais.

O que vemos nós? o que vês, tu, leitor amigo, ao lançares á vista pelas cinco partes do mundo? Vês sangue e lágrimas, luto e miseria; vês as multidões desvairadas pretendendo subverter tudo e todos numa luta fratricida. Não lutam por um ideal de beleza que eleva e dignifica os homens, não lutam pelo bem da Humanidade, que tem por lema o amor, o sacrificio e a abnegação pelo seu semelhante; lutam, sim, por odio e ambição: odios que fusilam como relampagos e ambições que matam as almas e corrompem as consciencias.

E não é somente a velha Europa que está contaminada dessa loucura colectiva, desse *virus* sanguinario, a que os modernos sociólogos classificam de *prurido russo*. Não. Este fenómeno politico-social, esta crise moral e religiosa, esta crise de caracter já invadiu as fronteiras do Mundo Novo, cujas nações estão sendo postas a saque depois de serem postas a ferro e fogo!

E' o que vês tu, leitor amigo; é o que vemos nós, do alto deste observatório, com os olhos da alma, nesta rapida viagem do nosso espirito conturbado por tantas desgraças!

Da China á Russia; da India ao Japão; de Cuba á Holanda, de Espanha ao Mexico, só cadaveres e poças de sangue temos encontrado pelo caminho.

Por acaso vê ou descortina algum dos nossos leitores, tapetado de rosas, o abnegado caminho da paz que nos deve conduzir á enganosa e fementada perfectibilidade humana, segundo as teorias proclamadas e reclamadas pelo judeu Carl Max?

Serão esses bandos de salteadores, que trazem arvoradas nos seus estandartes vermelhos como o sangue das suas vitimas e negras como as suas almas, a tão falada e apregoadá *«Liberdade, Igualdade e Fraternidade»*, consignada nos *«Direitos do Homem»*, pelo cinico filosofo Rousseau, precursor e fomentador da calamitosa *Revolução Francesa*, que nos deu os Cem dias de Terror? Não.

Os homens não se amam como irmãos, segundo as maximas sublimes de Jesus Cristo, o grande, o incomparavel, o verdadeiro Mestre do Socialismo cristão.

Pelo contrario, nós vemos-os transformados em feras; feras humanas, feras conscientes, que matam e roubam o seu semelhante por odio, por vingança, por ambição:—Odio e vingança contra a burguesia capitalista, que não quer nem sabe dividir pelo trabalho o seu capital.

Eis aqui a triste e lamentavel situação dos povos e das nações; dos homens e das familias, que, até hoje, pretenderam viver sem Deus e sem Religião. Agora, em face do perigo comunista, já muitos desses ateus e livres-pensadores, que adoravam o *deus milhão* nos seus cofres, gritam por socorro, clamam por Deus como outrora clamavam os Apostolos dentro da barca que o mar ameaça tragar: *«Salvai-nos, Senhor, que nos afundamos!»*.

E as nações estão prestes a afundar-se num diluvio de sangue se os seus exercitos não se apressam a desembainhar a espada de justiça em nome da paz.

Para os grandes males, grandes remedios; e, o remedio mais heroico e salutar, que neste momento historico pode salvar a Humanidade: é o regresso dos povos e das familias a Deus.

UM REGIONALISMO SUSPEITO

Do «Diário da Manhã, trancrevemos uma local de flagrante oportunidade:

Algumas pessoas cuja idiossincrasia só se satisfaz com um panorama local e nacional de divisões e sizanias, ao perderem as esperanças nos resultados de qualquer tentativa revolucionária contra a Situação procuram, agora, por outros processos atingir os seus malévolos fins.

Em várias terras do país, de há tempos a esta parte, começou a aparecer um estranho regionalismo, organizado e dirigido por individuos que ainda há pouco militavam nos grupos anti-situacionistas e que pretendem orientar a politica local sem terem aderido á doutrina do Estado Novo.

Essê bizarro *regionalismo* apresenta-se como «independenté» em matéria politica e tem como fim aparente «congregar» todas as actividades locais para uma acção bairrista. Serve-se até de fórmulas ricas dum sentido e espirito nacional: «A Bem da Nação». «Tudo pela Nação, nada contra a Nação», mas, hipócritamente, os tais bairristas procuram encobrir com elas o desejo doentio de dividir os portugueses reacendendo as velhas lutas de facções do tempo dos partidos.

Há, porém, um facto comum que denuncia os manejos dos profetas do neo-regionalismo: o ter como alvo immediato o ataque aos que desde os momentos dificeis tem dirigido a politica local e administrado os respectivos interesses, conseguindo os melhoramentos que as diferentes terras possuem.

Podemos categoricamente afirmar que na maior parte dos casos este «regionalismo» é uma nova manifestação do proteiforme reviralhismo.

Vocações sacerdotais

Sua Eminência, o Senhor Cardeal Patriarca, conferiu *ordens menores*, entre outros, a D. João Filipe de Castro, diplomado pelo Instituto Superior de ciências económicas e financeiras, e de *sub-diacono* a António da Fonseca Mendes Serrano, ex-aluno da Escola de Guerra, José da Costa de Oliveira Falcão, ex-aluno do Instituto Superior de Agronomia, Dr. Tomás de Aquino Rafael de Miranda, médico e Dr. Tomás Gabriel Ribeiro, médico.

Actualmente a classe eclesiástica é uma das mais bem preparadas para o sagrado ministério que vai exercer, embora isso pese a alguns *espiritos... desempoeirados*.

FALECIMENTO

Na passada sexta-feira faleceu nesta cidade o sr. Julio Dias do Carmo, de 73 anos, antigo empregado da Câmara dos Deputados.

Muito conhecido nesta cidade pelas suas excentricidades era tambem um coração bondoso.

Paz á sua alma.

D. ELVIRA BARROSO

A' sua casa da Quinta do Cruzeiro, em Gilmonde, chegou ha dias a illustre e benemerita Senhora D. Elvira Barroso.

SOCIEDADE

Aniversários

Fazem anos

Hoje—o Sr. Dr. Ruben de Azevedo Carvalho.

Dia 24—o Sr. Rogerio Ferra Esteves.

Dia 25—O Sr. José de Sousa Araujo Torres.

Advogado
António Pedrosa Pires de Lima
Largo de S. José, n.º 53
Consultas das 4 ás 6

Governador Civil Substituto de Braga

Foi nomeado e tomou posse no dia 16 do lugar de Governador Civil Substituto de Braga o Ex.^{mo} Sr. Dr. Felismino de Araujo, dignissimo inspector do Registo Civil, cavalheiro da maior respeitabilidade, antigo chefe do Gabinete do Ex.^{mo} Ministro da Justiça, actual membro da Comissão Distrital da União Nacional.

Sua Ex.^a foi muito cumprimentado no acto da posse.

Sabemos que muitos telegramas tem sido dirigidos ao distincto magistrado a felicita-lo.

A Sua Ex.^a os nossos cumprimentos.

João Corrêa

Com ligeiro ataque de reumatismo, guarda o leito o nosso querido director sr. João Batista da Silva Corrêa.

Colegio de Santa Ana

BARCELOS

Para educação de Meninas

Recibe alunas internas, semi-internas e externas, para instrução primaria e secundária—Curso geral dos Licens.

Pedir prospectos á Direcção

Recolhimento do Menino Deus

Donativos para a obra da Cozinha

(Em dinheiro)

Transporte do n.º 105... 843\$00

M. F. 10\$00

D. Joaquina Lopes Leal . . . 500\$00

J. V. 100\$00

M. B. 100\$00

A transportar... 1.553\$00

Jorge Barreto de Faria

Com elevada classificação terminou o 2.º ano do Liceu este joven estudante, filho do nosso colega de Redacção sr. Antero Barreto de Faria.

Novo ainda mas já revelador duma notavel inteligencia, o pequeno Jorge é uma esperança, mostrando sempre uma decidida vocação para as Ciências.

A seus Pais e Avós apresentamos as mais sinceras felicitações.

VIDA ACADEMICA

Universidade do Porto

Faculdade de Farmacia - Manuel Cândido Costa da Silva Correia—Deontologia e legislação farmaceutica, (Bom) 15 valores. Farmacia galénica, (Bom) 15 valores. Quimica farmaceutica orgânica, distinto, 17 valores.

Com estas cadeiras concluiu o curso de farmácia.

Cadeiras da licenciatura: 4.º ano—Microbiologia aplicada, distinto 16 valores; Hidrologia, distinto 16 valores.

Liceu Sá de Miranda

João Medros Cruz, 5.ª classe, dispensado das provas orais, com 12 valores.

—A menina Maria Antonieta Vieira Correia, querida filha do nosso amigo sr. Antonio Fernandes Correia, fez exame de francez, 2.ª classe, obtendo a classificação de 16 valores (distinta).

Fizeram exame de 2.ª classe, ficando aprovados, os srs:

Augusto Barbosa dos Santos Ferreira, Antonio da Costa Portela, Antonio Amadeu Lopes Araujo, Alberto de Oliveira Pedras, Antonio Azevedo Carmona Gonçalves, Jorge Barreto Machado Maciel Alves de Faria e Henrique Gonçalves Vaz.

—Obteve passagem para a 5.ª classe o sr. Mario Vieira de Sousa Basto, estremecido filho da sr.ª D. Maria José Vieira de Miranda Basto.

Liceu Gonçalo Velho

Com honrosa classificação fez exame de 5.ª classe o sr. Alfredo Matos Ferreira.

Colegio de Santa Ana

Fizeram exame no Liceu Sá de Miranda:

Maria Francisca Miranda de Brito, 15 valores; Maria Fernanda Tomaz Araujo, 12 valores; Vitória Antónia Mancelos Sampaio, 12 valores; Celeste Pinho Martins, 11 valores.

3.º ano—Maria Angelina da Silva Correia, 12 valores; Maria José Miranda de Brito, 12 valores; Maria Filomena Martins Gama, 12 valores; Maria da Assunção de Sousa, 12 valores.

Faltam ainda 9 alunas para concluir os exames do liceu.

Concluiu, brilhantemente, o curso liceal (7.ª classe) o sr. Manoel Barreto Magalhães, filho querido da sr.ª D. Rosa Barreto Magalhães.

—O sr. Fernando Pereira d'Antas, transitou para o 3.º e ultimo ano da Escola do Magistério Primário de Braga, com a elevada media de 15 valores.

Aos distintos academicos as nossas felicitações.

Não se compreende

Ao passo que o gado baixa de preço e os lavradores se queixam de que os mercados estão murchos, coisa que muito os aflige, por serem o gado e o vinho as únicas fontes de receita para o lavrador que grangeia a terra e não tem mais recursos de vida, o preço da carne sobe em alguns talhos e em alguns concelhos.

E' coisa que se não entende, dentro das normas de um lucro justo, mas é o que se está dando.

E dar-se-á enquanto se não criarem talhos da lavoura, com base cooperativista, e com auxilio do Estado, para que o preço da carne seja não o que determinarem o capricho ou a ambição, mas varie na proporção do preço do gado.

Doutro modo consumidores de carne e lavradores criadores de gado serão vítimas sem defesa de intermediários ambiciosos, a pescarem nas águas turvas da crise angustiosa que fere a lavoura regional.

Do «Diário do Minho»

União Nacional

Mais adesões

Freguesia de (Alvito S. Pedro)

Antonio Braga, Cesteiro; Antonio Duarte Fernandes; Proprietário; Antonio Gomes, Lavrador; Augusto Pinheiro da Costa Durães; Domingos Pinheiro Durães, Proprietário; Domingos Rodrigues Pinheiro, Lavrador; Fernando Pinheiro Durães; João José Ferreira, Lavrador; João Rodrigues Pinheiro; José Gomes, Carpinteiro; José Marques, Lavrador; José de Miranda, Lavrador; José Maria Pinheiro Durães; José Pinheiro Durães, Proprietário; José Roberto, Lavrador; José Rodrigues Pinheiro, Lavrador; José Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro, Proprietário; Manoel Correia de Miranda, Proprietário; Manoel Dias, Lavrador; Manoel Gomes, Lavrador; Manoel Pinheiro Durães; Manoel Rodrigues Pinheiro, Proprietário; Manoel Rodrigues Pinheiro, Lavrador.

Freguesia de Martim

Antonio Fernandes Lopes, Lavrador; Antonio José Gonçalves, Lavrador; Antonio Lopes Barreiros, Lavrador; Antonio Martins Gomes Fial, Proprietário; Antonio da Silva Cardoso, Pedreiro; Bento Rodrigues Dixe, Lavrador; Duarte Rodrigues da Silva, Lavrador; Esmael da Costa, Jornaleiro; Francisco Coelho de Azevedo, Proprietário; Francisco Ferreira Pereira, Jornaleiro; Francisco Martins de Araujo, Lavrador; Feliciano José Correia, Proprietário; Gaspar José Gonçalves, Proprietário; João da Costa Gonçalves, Lavrador; João Gonçalves, Lavrador; José Antonio Barbosa, Lavrador; José Gonçalves de Araujo, Lavrador; José Gonçalves Coelho, Jornaleiro; José Joaquim Ferreira, Lavrador; José Mendes de Carvalho, Lavrador; José da Silva Cardoso, Jornaleiro; Joaquim Martins da Silva Loureiro, Policia Reformado; Joaquim Vias Boas Ramos, Pedreiro; Miguel Gonçalves Gomes Borges, Lavrador; Manoel Lopes Barreiros, Oleiro; Manoel Luiz da Silva, Lavrador; Manoel Ro-

drigues Torres, Lavrador; Paulo da Silva Pinheiro, Lavrador.

Freguesia de Viatodos

Antonio Gomes de Araujo Miranda, Proprietário; Antonio Joaquim do Vale Miranda, Lavrador; Antonio Martins Pereira, Jornaleiro; Agostinho de Araujo Lemos, Proprietário; Aires da Costa Moreira, Proprietário; Abilio de Oliveira Barbosa, Jornaleiro, Aires de Sá Felgueiras Machado, Proprietário; Domingos de Araujo Lemos, Jornaleiro; Domingos Martins Miranda, Proprietário; Fernando Pereira Chaves, Proprietário; João Antonio de Araujo, Carpinteiro; João de Araujo Gomes, Barbeiro; João Gomes de Almeida, Carpinteiro; José de Campos Barbosa, Lavrador; José Miranda de Araujo; José de Oliveira, Alfaiate; Joaquim Alves Rodrigues, Negociante; Joaquim de Araujo Miranda, Lavrador; Joaquim da Silva, Lavrador; Joaquim da Silva Araujo, Lavrador; Lino da Costa Araujo, Lavrador; Manoel Correia dos Santos, Chefe Aposentado; Manoel Ferreira, Lavrador; Manoel Joaquim de Araujo, Lavrador; Manoel Martins Ferreira, Lavrador; Manoel do Vale Miranda, Lavrador; Manoel Pereira Alves Carneiro, Lavrador.

Freguesia de Gilmonde

Antonio Alves de Faria, Lavrador; Antonio Gonçalves da Seara, Lavrador; Augusto José da Silva Matos, Lavrador; Candido José Martins, Mercieiro; Domingos Gomes Correia, Lavrador; Domingos José Fernandes, Ferreiro; Domingos Joaquim de Afonseca Figueiredo, Lav.; José Antonio Seara, Lav.; João Evangelista da Silva Matos, Lavrador; João Francisco Felgueiras, Lavrador; João Gomes do Vale, Paroco; Manoel Antonio Seara, Lavrador; Manoel José da Silva Matos, Lavrador; Secundino Leite, Operario.

COMUNICADO

Aos Snrs. Simões, Irmãos & C.ª, Ld.ª, da cidade do Porto

A firma comercial Tomaz José d'Araujo & C.ª, Sucrs, embora se não julgue atingida pelas frases «alguns negociantes pouco honestos e conhecidos como autenticos mixordeiros» dos anuncios publicados nos jornais desta cidade sob o titulo—«Azeite Filtrado Santa Cruz» deseja, para efeitos legais, que aqueles Snrs. declarem nos mesmos jornais se aquelas frases ofensivas, atingem ou não a firma reclamante.

Não duvida a referida firma de que o azeite «Santa Cruz», vendido em latas, como dizem os anuncios em referencia, seja de boa qualidade, mas pode afirmar, e sem receio de desmentido, que há azeite tão bom como aquele e que no seu estabelecimento tem vendido a retalho e sem ser em latas, pois sempre primaram na escolha dos azeites finos filtrados, adquirindo-os nas melhores procedencias.

Barcelos, 26 de Junho de 1934.

Tomaz José d'Araujo & C.ª, Sucrs.

AZEITE FILTRADO

"SANTA CRUZ,"

Em resposta ao comunicado dos srs. Tomaz José de Araujo & C.ª, Sucrs., inserto no numero 1214 desse jornal, vimos gostosamente elucidar o publico de que não pretendemos visar aquela firma, nem tão pouco ofender ninguem, antes no pleno uso dos nossos direitos fomos forçados a publicar aquele aviso a fim de defender a nossa reputada marca de azeite filtrado «SANTACRUZ» da possivel confusão que se poderia estabelecer pela leitura do anuncio que um cavalleiro que se intitula *comerciante de azeite e oleo* fez publicar num jornal dessa cidade.

Porto, 30 de Junho de 1934.

Simões, Irmão & C.ª, Ld.ª

MOTO MODERNA

De 1 cilindro, com instalação electrica, garantindo-se o seu funcionamento. Nesta redacção se diz.

MODISTA DE LISBOA

EXECUTA CHAPEUS E VESTIDOS
COM PERFEIÇÃO, RAPIDEZ E
ELEGANCIA, A PREÇOS MÓDICOS.

Fazem-se transformações de chapéus a 10\$00.

FEITIOS DE VESTIDOS DESDE 25\$00.

M.ª BRITO

AVENIDA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

BARCELOS



EDITAL

A Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Adães:

Faz publico de que, em casa do vogal Joaquim Barbosa Pereira e durante 15 dias, os quais principiam em 1 do proximo mês de Agosto, se acha em reclamação o mapa da derama parochial e em seguida em pagamento, até ao dia 31

do mesmo mês. Findo este praso proceder-se-ha coercivamente, como preceitua a lei.

Adães, 19 de Julho de 1934

O Presidente

Manoel José Senra

A. Enrico Soucasaux

OCULOS, ARMAÇÕES,

VIDROS E HASTES

Depositarlo e revendedor do Fay-tox

PAGINA DO CONCELHO

Chorente, 15

Confortado com todos os sacramentos da igreja, faleceu nesta freguesia o sr. Manoel José Gomes de Oliveira, e, como não deixou descendentes, fez testamento da metade dos seus haveres, por morte de sua esposa, a seus sobrinhos Manoel e José Gomes de Oliveira, assinantes do Notícias de Barcelos.

Na passada segunda-feira, celebrou-se a missa do sétimo dia, sendo distribuída, conforme o finado deixou em testamento, a quantia de 50\$00 pelos pobres mais necessitados desta freguesia, que eram vinte e cinco.

Que a sua alma descanse em paz.

A família enlutada apresentamos também os nossos sentidos pesames.

—Tem-se feito sentir muitíssimo a falta duma chuvinha benéfica, que viesse matar a sede aos milheirais que, a continuar assim, pouco podem produzir, a não ser os que tenham fartura de agua de rega, ou os das terras lentas.

Em algumas restevas, o milho nem chegou a nascer, a não ser os que se regaram antes de semear. Oxalá que Nosso Senhor se compadeça de nós.

—Nesta freguesia tem aumentado muitíssimo a cultura do trigo; e, geralmente é desta receita que os lavradores pagam as suas contribuições, mas muitos vêm-se obrigados a pedirem o dinheiro emprestado até fazerem as suas transações, em virtude de não o poderem vender por enquanto. Os lavradores precisam de se unir, para defenderem a sua classe, porque, do contrário, cada vez estarão mais na miséria.

—Já se encontram entre nós, em goso de férias, os briosos seminaristas srs. Leonardo de Oliveira Faria e Luiz de Oliveira Brito.

—A sr.ª Maria Ferreira Novais, tem obtido sensíveis melhoras, o que muito estimamos.—C.

Carapeços, 16

Um grupo de devotos de S. Tiago, padroeiro desta freguesia resolveu fazer a tradicional festa em sua honra.

Essa comissão é constituída pelos seguintes indivíduos: Reverendo Abade, Francisco Duarte Coutinho, Antonio Dias da Cunha Barbosa, Justino Gonçalves Cerqueira, Francisco Vaz Correia, Antonio da Costa Herdeiro, Antonio Barbosa Arantes, José de Sousa, Joaquim Fernandes Correia, Augusto Coutinho de Sousa, Antonio de Vilas Boas e Francisco Rodrigues, os quais devem organizar festejos dignos desta freguesia, que teve sempre por timbre honrar o seu Padroeiro—S. Tiago.

Esta festa costumava fazer-se no dia 25 de Julho, mas, como é um dia de trabalho, efectua-se no domingo precedente (dia 22 do corrente) e assim atrairá ainda maior numero de fieis.

A comissão tenciona levar a efeito coisas de veras surpreendentes, publicando, por estes dias, o programa. Para costear as despesas desta romaria, a comissão cobrará também um pequeno imposto aos vendedores de vinhos, doces e aos padeiros, no terreno da festa, excepto áqueles que já tenham dado as suas esmolas para tal fim.

Serão juizes desta romaria o sr. Francisco Antonio Ferreira Rodrigues e a menina Maria Andrade Tomé da Silva.

Esperamos que todo o povo desta freguesia e vizinhas concorra com os seus donativos, para maior brilhantismo, grandiosidade e honra do mesmo S. Tiago.

—As ramadas, este ano, prometem uma abundante colheita, principalmente de vinho tinto, mas oxalá que a semana do vinho verde, levada a efeito pelo **Gremio do Minho**, dê bons resultados, para que os lavradores possam esvazear as suas adegas e por preços remunerativos.

—A nossa escola encontra-se bastante arruinada, lembrando portanto a quem de direito para aproveitar a oferta do ter-

reno para o novo Edificio de que muito se carece, olhando ao grande numero de crianças que há nesta freguesia.

—O nosso telefone foi requisitado, á dois anos, com todas as formalidades que a lei exige, e afinal ainda não fomos atendidos.

—Consta-nos que em Dezembro ficará a funcionar a luz electrica na freguesia da Silva, e, sendo assim, necessário se torna reunirmos o dinheiro indispensável para a trazer até Carapeços.

—E' com a mais viva e sincera alegria que relatamos a chegada a Barcelos, após em rigoroso tratamento no Hospital da Lapa, do sr. Dr. Adélio Marinho da Silva, ilustre medico municipal na cidade de Barcelos e um dos maiores entusiastas e trabalhadores na Obra do Estado Novo.—C.

Vila Cova, 16

A estiação dos últimos vinte dias transformou o lindo e esperançoso aspecto dos campos, em triste e desoladora certeza dum ano de fome: os *milhos*, onde se não rega, estão completamente perdidos, na quasi totalidade; e poucas são as propriedades que têm a água bastante para fazer face ao calor e vento que correm. O ano transato foi péssimo; o corrente vai ser incomparavelmente peor. Os trabalhadores do campo, os pequenos proprietários passam verdadeira necessidade, muitos fome de pão. Entendemos de urgente necessidade que se trate, desde já, de remediar a falta de milho no, nosso meio, pois em bastantes terras não se colhe o que se lhes lançou de semente. E que é também urgente voltarmos a valer e de vez para Deus, de quem tanto nos esquecemos de quem dependemos em tudo.

—Por ora o aspecto da vinha é ótima. O vinho que está nas adegas não é procurado. De dia para dia aumenta a crise aflitiva em que a lavoura se debate.

—Esperam-se por estes dias as Ex.ªs Senhoras Novais, que estão em Melgaço.

—No próximo domingo canta a sua primeira missa o sr. presbítero Rev.º Joaquim Figueiredo Gomes dos Santos Interessante e cheia de encantos é sempre uma festa destas.

A música será por elementos recolhidos. Orador o Sr. P.º Pinho (S.J.). Antecipadamente apresentamos os nossos parabens ao Rev.º P.º Joaquim e família.

—Faleceu a Sr.ª Maria Rosa Ramos. O funeral, com officio e missa foi a 16.—C.

Aldreu, 16

Realizou-se ontem a assembleia geral da Cooperativa Agricola de Lactínicos da Ribeira do Neiva com sede nesta freguesia. Presentes numerosos sócios e outras pessoas de respeitabilidade. Assume a presidencia o sr. Bernardo de Espregueira secretariado pelos srs. Arcipreste e P.º Joaquim Felix Machado. O sr. presidente indica os fins da reunião constantes da convocação: apreciação das contas do ano anterior, á face da nova escrita, remodelada sob a direcção do sr. Ferreira Romão, inspector da Acção Social Agraria, e reforma dos Estatutos, reforma que nada altera da essencia dos mesmos mas apenas modifica numa ou noutra parte a sua redacção e algumas disposições menos conformes com as leis vigentes. A assembleia aprova unanimemente as alterações propostas.

O sr. José Bernardino de Sá lê em seguida um extenso relatório da Direcção apresentando um completo esquadra das contas da Cooperativa e fazendo sobre elas judiciosas considerações. Termina annunciando um importante subsidio do Estado para esta Cooperativa se animar á fabricação de queijo—o que teria a grande vantagem de aproveitar o soro do leite de forma mais ren-

dosae menos arriscada do que na criação de bacosos. Mas, para isso, torna-se necessária a emissão de mais 85 titulos que são imediatamente cobertos pelos socios presentes. O sr. Antonio Queiroz, presidente da Direcção, apresenta á assembleia o sr. Dr. Tiago Maria Ricardo, chefe da Divisão das Corporações Agricolas que de Lisboa veio expressamente para assistir a esta reunião e a quem foi dada a palavra. Sua Ex.ª depois de saudar a Assembleia diz que vai fazer apenas uma breve palestra. Em linguagem modesta mas quente, por vezes, diz que o fim primacial da Cooperativa é a defeza dos legitimos interesses do lavrador evitando que o leite desça a preços irrisórios; espera que a Cooperativa virá a pagar melhor o leite mais rico em gorduras; exorta os sócios a serem honestos e dignos e a respeitarem as leis da higiene nas mungiduras e vasilhame; proclama o direito que todos os socios teem a reclamar, quando haja motivos para isso, para a Direcção, Conselho Fiscal e até para a Acção Social Agraria—repartição do Ministério da Agricultura—que todos os meses examina a escrita da Cooperativa.

Demonstra a protecção do Estado á Cooperativa com a concessão de maquinas, livros e dinheiro e diz que o fim da Cooperativa não é guerrear os industriais honestos mas evitar abusos dos que o não são. E, a propósito, diz que ha uma região do paiz que importa margarina em peso igual a metade da manteiga que produz.

Sabe que não acontece assim com esta Cooperativa cuja manteiga é muito apreciada em Lisboa e por ele preferida. Que é, sem favor uma manteiga de 1.ª e portanto é justo que a Cooperativa a venda mais cara. Fala também nas vantagens dos seguros de gados que os Estatutos prevêm é preciso pensar em ir fundando e termina por pedir a todos os socios que tenham a maxima confiança no futuro da associação e nos seus corpos gerentes.

O agronomo sr. Justino de Amorim diz ter recebido um officio da Acção Social Agraria para dar a esta Cooperativa instruções sobre o material necessário para a fabricação de queijo—o que brevemente fará. Faz também algumas considerações oportunas sobre os beneficios do corporativismo, sobre as possibilidades forrageiras da região e sobre raças de vacas leiteiras.

Pede por fim a palavra o sr. Dr. Matos Graça que se confessa surpreendido com o que tinha visto e ouvido, acen-tua a atenção com que o Governo olha para estas cousas e felicita os organizadores da Cooperativa.

Todos os oradores foram muito palmeados.

A assembleia nomeia S. Ex.ª sócio honorário da Cooperativa e sócios beneméritos o Sr. Ministro da Agricultura e sr. Dr. Tiago Maria Ricardo e resolve telegrafar ao sr. Ministro e Director Geral da Acção Social Agraria os serviços prestados a esta associação.

E assim terminou esta importante reunião.—C.

Santa Eugenia, 16

No sabado, 14 do corrente, enterrou-se um filhinho do nosso amigo sr. Manoel Peralvos—brioso artista desta freguesia.

—Tivemos também a honra de cumprimentar, nesse funeral, o sr. Manoel Peralvos de Oliveira, acompanhado de seu filho, e ambos residentes na freguesia de Silveiros.

—Encontra-se quasi restabelecida, de sua doença, a dedicada esposa do nosso amigo e regedor sr. Paulo da Silva Faria.

—Realizou-se, no passado dia 11 do corrente, a tradicional festa de S. Bento da Varzea, ocorrendo áquele local milhares de pessoas, cheias de de-

voção e de fé, a impetrar daquele Santo graças e benções para as suas doenças, deixando lá esmolas no valor de bastantes milhares de escudos.

Lamentamos, porem, e disso temos conhecimento, que a Comissão Administrativa daquele Santuario não procede a melhoramentos na mesma igreja, que, tendo tantos fundos, encontrava-se no dia da festa escorada, á vista daqueles milhares de fieis que ali rezavam e faziam as suas promessas ao milagroso S. Bento.

Não queremos com isto melindrar a sensibilidade de qualquer pessoa, mas sim incitar o povo daquela freguesia a tributar a Deus o devido respeito, zelando o Templo onde Ele, em contacto com os homens, vive no Santissimo Sacramento da Eucaristia.

Que olhem para as freguesias vizinhas, como Santa Eugenia, Midões, Gamil e outras, onde o Templo de Deus se vê venerado carinhosamente, despertando fervor aos fieis.

—Recebemos, há dias, uma estimada carta do nosso amigo e assinante deste jornal sr. Olimpio Figueiredo Ramos que, ausente desta freguesia—sua terra natal, se encontra colocado na grande Fabrica de Serração de Gomes & C.ª em Barrozelas.

Na mesma carta, ele fez os mais honrosos elogios ao correspondente desta freguesia e ao corpo redactorial do «Noticias de Barcelos», pela sua conduta irrepreensível na Obra de Propaganda Nacionalista.

Soubemos também que, após um rigoroso tratamento no Hospital da Lapa, do Porto, se encontra melhor o Sr. Dr. Adélio Marinho da Silva—um dos maiores valores da União Nacional, no Norte do País.—C.

Carvalho, 16

No dia 22, realizou-se a festa do SS. Sacramento nesta freguesia, devendo-se em grande parte ao seu tesoureiro sr. Domingos Bernardino Cardoso—proprietario e homem dotado de boas qualidades.

No mesmo dia 22, passou o seu primeiro aniversario o menino Antonio Gonçalves Alves, filho do sr. Manuel Francisco Alves e da sr.ª Antonia Gomes Gonçalves.

—A semana passada, esteve em Braga, em exercicios espirituais, o nosso Reverendo Paroco.

—No domingo passado, dia 15, foram ao Porto representar esta freguesia na parada regional as seguintes meninas: Laurinda Lopes, Augusta da Conceição, Maria Vilas Boas, Marcelina Ferreira, Ana de Pinto, Lauriana de Pinto e Arminda Ferreira, a pedido do sr. Magalhães de Barcelinhos e elevando bem alto o nome da sua terra.

—No dia 15 regressaram de Bragança os srs. Manuel Gomes da Conceição, Antonio Gomes da Conceição e Antonio Ferreira Jardim, que para aquela cidade tinham partido no mês de maio findo.

FRANQUEIRA

No dia 15, visitaram este monte o sr. Dr. Faria de S.ª Leocadia e sua familia.

Também estiveram neste Santuario, no mesmo dia, os seguintes turistas da Escola S. João Bruno da Povoá de Varzim: srs: Francisco José de Barros—Director da Escola, Delfim Gonçalves—Administrador do **Apostolado da Juventude**, jornal da mesma Escola, Manuel Joaquim Coutinho Moreira e Acácio da Costa Moreira. Estes regressaram, já quasi noite, á sua terra, levando da Ermida da N. Senhora da Franqueira as mais belas e gratas recordações, não só pelo arrebatador panorama que dali se desfruta, mas também pelos melhoramentos a que a muito digna Comissão tem procedido—melhoramentos esses que muito contribuirão para o futuro turismo áquela Instância, onde o ar é mais leve, a visão mais completa, e o bem estar mais perfeito.—C.